

ALEXANDRE DE MELLO ROGGE

METODOLOGIA DA NATAÇÃO PARA CRIANÇAS DE 3 A 5 ANOS

Monografia apresentada como requisito parcial à conclusão do Curso de Bacharelado em Educação Física, Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Paulo Cesar Barauce Bento

CURITIBA

2008

RESUMO

O número de crianças que iniciam em programas de ensino da natação tem aumentado bastante nos últimos anos. No entanto, esse aumento da procura não foi acompanhado pela preocupação de investigar cientificamente o assunto. Os conhecimentos científicos podem colaborar para uma melhora qualitativa no ensino da natação para crianças. Alguns estudos sugerem a metodologia que deve ser aplicada nesses programas, porém, poucos estudos relacionam as características do desenvolvimento motor das crianças com os programas de ensino da modalidade. Também existem poucos estudos específicos sobre o ensino da natação para determinada faixa etária. Nesse contexto, o objetivo do presente estudo foi discutir e analisar a metodologia da natação para crianças de três a cinco anos, considerando aspectos do desenvolvimento motor terrestre e aquático. Esta é uma pesquisa bibliográfica, na qual se procurou revisar as diferentes metodologias da natação e os aspectos do desenvolvimento motor. Assim, ficou evidente a importância da metodologia lúdica em detrimento da metodologia tradicional. No ensino lúdico, centrado na criança, o objetivo do ensino para essa faixa de idade é proporcionar o domínio e a autonomia da criança em relação ao meio aquático, além de buscar contribuir para o desenvolvimento integral do indivíduo, sempre considerando suas necessidades, características, nível de desenvolvimento e tempo de aprendizagem. Nesta perspectiva, os quatro nados formais da natação são usados como um dos conteúdos do processo de ensino, e não como meta desse processo. Além disso, a intenção é proporcionar prazer pela atividade, sem ter preocupação com o tempo de aprendizagem. De acordo com esta revisão, as crianças de três a cinco anos encontram-se na fase dos movimentos fundamentais do desenvolvimento motor. Com relação ao desenvolvimento motor aquático, verificou-se que essas crianças, em sua maioria, encontram-se na fase dos movimentos fundamentais e, também, na fase dos deslocamentos variados. Essa informação é fundamental para uma boa elaboração de programas de ensino da natação para essa faixa etária.

Palavras-chave: Metodologia. Natação. Crianças.

ABSTRACT

The number of children who start programs in the education of swimming has increased greatly in recent years. However, this increase in demand was not accompanied by a concern to scientifically investigate the matter. Scientific knowledge can contribute to a qualitative improvement in teaching of swimming for children. Some studies suggest the methodology should be applied in these programs, however, few studies relate the characteristics of the motor development of children to education programs of the sport. Also there are few specific studies on the teaching of swimming for a particular age group. In this context, the purpose of this study was to discuss and analyze the methodology of swimming for children from three to five years, considering aspects of terrestrial and aquatic motor development. This is a literature search, which sought to review the different methods of swimming and aspects of the development engine. Thus, it was clear the importance of methodology rather than play the traditional method. In education playful, focused on children, the goal of education for this age range is to provide the field and autonomy of the child in relation to the aquatic environment, and seek to contribute to the development of the person, always considering their needs, characteristics, level development and time of learning. From this perspective, the four births of formal swimming are used as a content of the teaching process, not a target of that process. Furthermore, the intention is to provide pleasure for the activity, without any concern at the time of learning. According to this revision, children of three to five years are in the phase of the movement's core development engine. With respect to motor development environment, it was found that these children, most of them, are at the stage of basic movements, and also in the phase of displacement varied. This information is vital for good development of programs for the teaching of swimming to this age group.

Key words: Methodology. Swim. Children.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 METODOLOGIA	7
3 DESENVOLVIMENTO	8
3.1 METODOLOGIA DA NATAÇÃO	8
3.1.1 Âmbitos de aplicação do ensino da natação	8
3.1.2 Contexto histórico.....	9
3.1.3 Ambientação	12
3.1.4 Ensino tradicional e ensino lúdico	14
3.2 DESENVOLVIMENTO MOTOR	19
3.2.1 Características do desenvolvimento motor.....	19
3.2.2 Características do desenvolvimento motor aquático.....	21
3.2.3 Desenvolvimento motor aquático das crianças de três a cinco anos	23
3.3 METODOLOGIA DA NATAÇÃO PARA CRIANÇAS DE TRÊS A CINCO ANOS	25
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	30

1 INTRODUÇÃO

A metodologia do ensino da natação tem sido, de forma geral, baseada em um modelo desportivo, no qual a criança tem que aprender a realizar as técnicas dos quatro estilos formais da natação. Para atingir este objetivo, os professores comumente têm utilizado seqüências pedagógicas com um conteúdo pré-estabelecido. Esse ensino focado na ação de aprender os quatro estilos competitivos da natação desconsidera algumas peculiaridades das crianças, tais como, desenvolvimento motor, faixa etária, relação com a água e interesses individuais. Como escreveu Machado (1978, p. 2), “a criança aprende muito melhor brincando do que de qualquer outra forma”. Nesse sentido, um bom programa de ensino da modalidade deve incluir os nados formais como conteúdos do processo de aprendizado e não como produto final (FERNANDES; COSTA, 2006). Considerando esse contexto, Moisés (2006) relatou a importância de conciliar uma metodologia tradicional com o componente lúdico.

O processo de ensino e aprendizagem da natação deve oferecer experiências e vivências corporais que possibilitem ao participante interagir com liberdade, segurança e autonomia no meio aquático. Sendo assim, o ensino da natação pode ser visto como uma Educação Física no meio aquático (FREUDENHEIM; GAMA; CARRACEDO, 2003) porque utiliza uma gama de atividades que trazem benefícios biológicos, psicológicos e sociais aos indivíduos. A idéia é utilizar o meio aquático como instrumento e recurso para potencializar o desenvolvimento e a educação infantil (PÉREZ; PÉREZ; TORRES, 1997). Um bom programa deve contemplar o ensino de diversas habilidades motoras e sempre respeitar as características individuais de cada criança na realização das tarefas e sua relação com o ambiente (MOISÉS, 2006).

Segundo Xavier Filho e Manoel (2002), acreditava-se que a aprendizagem da natação era exclusivamente dependente das influências do ambiente externo. Por isso, desconsideravam-se as características individuais das crianças, dentre elas, o desenvolvimento motor. Hoje sabemos que os aspectos que interferem no aprendizado da natação incluem o ambiente, a tarefa e o indivíduo (FERNANDES; COSTA, 2006). Conhecer e considerar essas características pode influenciar na qualidade da elaboração de programas de ensino da natação.

A procura por cursos de natação para crianças tem aumentado consideravelmente nas últimas décadas (FREUDENHEIM; GAMA; CARRACEDO, 2003). Um dos motivos para tal fenômeno é que os pais acreditam que a natação pode ser um meio para promover benefícios relacionados com o desenvolvimento, a saúde e a segurança de seus filhos (MOISÉS, 2006).

Na faixa etária de dois a seis anos é grande o índice de acidentes no meio aquático (CORRÊA; MASSAUD, 2004). Dados da Canadian Paediatric Society (2003) mostram que no Canadá cerca de 20% das mortes de crianças de um a quatro anos são causadas por afogamento. Por isso, segundo Moisés (2006), uma das principais razões que levam os pais a matricularem seus filhos em programas de natação é a segurança. Neste contexto, Corrêa e Massaud (2004) afirmam que a natação nesta faixa etária pode ajudar a evitar muitos acidentes. No entanto, segundo as diretrizes da Canadian Paediatric Society (2003), os programas de natação para crianças menores de quatro anos não devem ser promovidos como estratégia efetiva de prevenção de afogamentos, uma vez que as crianças com menos de quatro anos não possuem habilidades necessárias para desenvolver nados independentes e de sobrevivência.

De acordo com Freudenheim, Gama e Carracedo (2003), o aumento da procura por cursos de natação não foi acompanhado pela preocupação em elaborar propostas de ensino fundamentadas em conhecimentos científicos. Nesse sentido, faz-se necessário continuar discutindo o assunto, a fim de obtermos melhores resultados na estruturação de programas pedagógicos de natação. Em contraponto, é difícil encontrar estudos acerca das características específicas de determinada faixa etária e sua relação com a pedagogia da natação. Para um bom desenvolvimento de programas de ensino da natação é necessário conhecer os aspectos do desenvolvimento motor das crianças, a metodologia de ensino da natação e a relação entre desenvolvimento motor e o ensino da natação. Nesse contexto, o propósito desta revisão de literatura é discutir e analisar a metodologia do ensino da natação para crianças de três a cinco anos. O presente estudo pretende ser uma ferramenta para todos os profissionais e demais especialistas que se dedicam ao ensino da natação para crianças. Os aspectos teóricos aqui abordados vão contribuir para uma melhor elaboração de programas de ensino da natação específicos para essa faixa etária, fornecendo um material de fundamentação teórica para um desenvolvimento qualitativo desses programas.

2 METODOLOGIA

O presente estudo se caracteriza como uma pesquisa bibliográfica, a qual, de acordo com Marconi e Lakatos (2003), consiste no exame da literatura científica, para levantamento e análise do que já se produziu sobre determinado tema, com o intuito de prover compreensão acerca de um assunto específico. Nesse contexto, a atual pesquisa foi iniciada com a leitura e análise de uma das primeiras obras literárias publicada no Brasil sobre a metodologia da natação, o livro do professor David C. Machado, de 1978, com o intuito de obter um parâmetro inicial sobre a evolução do conhecimento relacionado ao ensino da natação. Após este primeiro passo, seguiu-se a leitura de alguns artigos que contextualizam historicamente o processo de ensino-aprendizagem da modalidade. Para continuar o processo de fundamentação científica do presente estudo, livros e artigos nacionais e internacionais foram utilizados, principalmente publicações mais recentes, dos anos 90 e dos anos 2000, já que neste período houve um grande número de publicações e de evolução do conhecimento sobre o assunto. As fontes internacionais utilizadas, em sua maioria, são da Espanha – país que tem centros de pesquisa com diversas publicações relevantes acerca do assunto. A maior parte dos artigos científicos foi buscada na base de dados da plataforma Google Acadêmico, com prioridade para os artigos de periódicos recentes. Com esse processo de revisão foi possível utilizar as informações obtidas para conduzir, construir e enriquecer a atual pesquisa.

3 DESENVOLVIMENTO

3.1 METODOLOGIA DA NATAÇÃO

3.1.1 Âmbitos de aplicação do ensino da natação

Nas linhas que se seguem, um breve relato das possibilidades de utilização dos programas de natação é tecido, uma vez que o conhecimento dos âmbitos de aplicação desta atividade é fundamental para a posterior compreensão da discussão acerca das diferentes metodologias da natação.

Machado (1978) diz que um aprendiz se aproxima da natação com dois intuitos: o primeiro é o utilitário, no qual o indivíduo pode buscar segurança, recreação ou saúde; já o segundo é o esportivo, no qual o indivíduo objetiva atingir níveis competitivos.

Fernandes e Costa (2006) citam uma classificação semelhante. Segundo os autores, no âmbito utilitário o indivíduo vai aprender a se salvar e a salvar os outros, enquanto no âmbito esportivo o objetivo é o domínio técnico dos quatro estilos de nado.

A Canadian Paediatric Society (2003) recomenda que os programas de natação para crianças menores de quatro anos devem focar no âmbito utilitário, com a construção da confiança da criança em relação à água e na educação dos pais com relação à segurança aquática.

Em seu livro, Murcia e Sanmartin (1998) apresentam uma completa visão sobre os âmbitos de aplicação das atividades aquáticas. São eles: educativo, utilitário, manutenção-treinamento, saúde, terapêutico, recreativo e desportivo.

No âmbito educativo os programas são desenvolvidos para populações que estão imersas em ambientes educacionais e buscam um objetivo de educação, causando um impacto no desenvolvimento pessoal do indivíduo enquanto ser humano. As atividades aquáticas com um enfoque utilitário são entendidas como a aprendizagem de um conjunto de técnicas que permitem ao aluno adquirir um domínio elementar no meio aquático, em um período de tempo mais ou menos

breve. Já os programas de manutenção-treinamento são utilizados para melhora ou manutenção da condição física dos praticantes. Em outro âmbito, os programas de saúde são destinados às pessoas que, sem ter nenhuma doença ou problema físico, podem se beneficiar da sua prática. De forma semelhante, as atividades aquáticas no âmbito terapêutico são utilizadas com o intuito de curar doenças e corrigir certos problemas do aparelho locomotor, utilizando para isso os benefícios da água como meio curativo, através de suas propriedades de temperatura, viscosidade, empuxo e pressão hidrostática. As atividades recreativas, por sua vez, têm como objetivo a busca do prazer, da diversão, da experiência por si mesmo e da realização de jogos. Proporcionam uma ampla gama de atividades, com ausência de normas e regras. Por fim, os programas aquáticos no âmbito esportivo envolvem a correta execução dos movimentos das modalidades esportivas aquáticas. No entanto, é necessário ter em mente que a competição é consequência de etapas anteriores de formação de base e que, aliada ao conhecimento da competição e à liberdade de escolha, pode proporcionar os resultados previstos.

Os autores lembram que muitas vezes essas diferentes formas de aplicação são trabalhadas conjuntamente e que é difícil isolar um aspecto do outro. Por exemplo, as atividades recreativas podem englobar também os âmbitos de saúde e educação. Uma atividade aquática recreativa pode ocupar positivamente o tempo ocioso – contribuindo para a educação das pessoas, favorecer um processo de sociabilização, promover a atividade física aquática e manter ou melhorar a condição física dos participantes.

3.1.2 Contexto histórico

Murcia (2008) realizou uma revisão bibliográfica acerca dos métodos de ensino da natação mais conhecidos ao longo dos anos. Ao longo da história, o ensino da natação tem seguido diversas metodologias. Sua evolução se deu desde os estilos mais tradicionais de ensino até os estilos que buscam desenvolver o participante no campo afetivo, motor e cognitivo.

Entretanto, para entender com objetividade a discussão acerca do contexto histórico da metodologia da natação é necessário esclarecer os tipos de ensino

empregados. Machado (1978) cita três correntes que representam o tripé da pedagogia da natação. São elas a concepção global, a concepção analítica e a concepção sintética. Na corrente global o aprendizado ocorre por conta do instinto. Não há preocupação com métodos ou qualquer tipo de organização. Já a concepção analítica procura analisar e compreender as partes dos movimentos que são necessários para a locomoção na água. Por outro lado, a concepção sintética parte do todo para as partes. De forma muito semelhante, Catteau e Garoff (1990, citados por Fernandes e Costa, 2006) classificam a pedagogia da natação em corrente global, analítica e moderna. A corrente global é a mais antiga, na qual o aprendizado não é sistematizado em um método, mas ocorre na medida da proximidade do sujeito com a água e do confronto individual com as dificuldades que lhe são impostas no contato com o meio. Por outro lado, a corrente analítica representa a racionalização da aprendizagem. Nesta corrente os movimentos são fracionados e o ensino é feito por partes. A corrente moderna é uma reação contra a fragmentação e o mecanicismo da corrente analítica. Esta corrente parte do aprendizado feito diretamente na água e adota elementos comuns entre todas as formas de nado como a base do aprendizado.

No início da metodologia da natação, no século XVIII, artefatos para ajudar no aprendizado eram bastante utilizados, embora alguns professores propunham o ensino sem implementos auxiliares. Além disso, exercícios similares aos nados eram realizados fora da água, desconsiderando as diferenças entre os meios, por falta de conhecimento das propriedades físicas da água. Naquela época, chegou-se, inclusive, a afirmar que a posição horizontal na água era prejudicial ao corpo, pelo fato de que os conhecimentos de fisiologia humana eram insuficientes. Esse modelo de ensino era feito sempre de forma individual e compreendia uma fase de adaptação a água, uma fase de exercícios de natação em terra e, por último, exercícios de natação na água. Essa metodologia foi bastante utilizada no treinamento militar (MURCIA, 2008).

Já no final do século XIX e início do século XX, surgiram propostas que negavam os exercícios fora da água, bem como a utilização de implementos auxiliares na flutuação. Nesse caso, o ensino era feito em piscina pouco profunda. Também surge o ensino em grupos e o conhecimento da necessidade de adquirir confiança para o aprendizado (MURCIA, 2008).

Na metade do século XX, alguns estudos se preocuparam em comparar diferentes metodologias e em eleger a mais eficiente. Lewellen (1951, citado por Murcia, 2008) realizou uma comparação entre o método da Cruz Vermelha e o método total. A Cruz Vermelha utilizava um método analítico-progressivo, com objetivo puramente utilitário, orientado fundamentalmente na aprendizagem da natação para formar nadadores aptos a se salvar e a salvar os outros. O autor concluiu que o método total era superior ao da Cruz Vermelha. Em um estudo semelhante, Holtz (1967, citado por Murcia, 2008) também concluiu que o método global era mais eficiente que o método da Cruz Vermelha. Do mesmo modo, Nielmeyer (1958, citado por Murcia, 2008) fez uma comparação entre quatro grupos de estudantes, dois grupos com o método analítico de ensino e dois grupos com o método global de ensino. O autor concluiu que os estudantes que aprenderam com o método global foram superiores aos estudantes que aprenderam com o método parcial. Em linha semelhante, Johnson (1972, citado por Murcia, 2008) afirmou que a maior parte das habilidades aquáticas pode ser ensinada de forma mais rápida e correta pelo método global do que pelo método analítico.

Knapp (1963, citado por Murcia, 2008) argumentou que o todo não é a soma das partes e que por isso o aluno deve enfrentar um conjunto de habilidades globais desde o princípio do aprendizado na natação.

Na década de 70, alguns autores incluíram o âmbito educativo junto ao utilitário e esportivo. O método de ensino utilizado era o analítico-progressivo, com introdução de exercícios globais. O ensino era feito em piscina pouco profunda e com a possibilidade de utilização de materiais auxiliares. O método utilizado pela Young Men Christian Association (YMCA) inovou ao utilizar duas sessões formais e uma recreativa, buscando o objetivo utilitário, competitivo e recreativo, além do educativo. Navarro (1977, citado por Murcia, 2008) deu importância ao elemento propulsivo sobre todos os demais, na preparação de alunos para a natação e o pólo aquático.

Os anos 80 são marcados pelo destaque da importância do ensino lúdico. Murray (1980, citado por Murcia, 2008) diz que a aprendizagem deve ser de forma lúdica e prazerosa para a criança. Alguns autores utilizavam o jogo e buscavam a felicidade e a autonomia da criança como objetivo principal, além do prazer pela atividade. O aprendizado era motivado pela vontade de explorar do aluno e as crianças eram estimuladas a experimentar uma grande variedade de situações e

vivências na água. Portanto, o educador deveria promover o maior número de habilidades aquáticas possível.

Em meados de 1990 é quando realmente se começa a diferenciar o ensino da natação com âmbito utilitário e esportivo do ensino com âmbito educativo e lúdico. A natação educativa, que engloba diferentes âmbitos de aplicação, é mais atrativa para o aluno, e procura desenvolvê-lo como um todo, fazendo com que adquira hábitos saudáveis e de interesse pela atividade física durante o decorrer da sua vida. O processo de ensino é centrado na criança e busca sua autonomia no meio. Nesse contexto, utiliza bastante o jogo e a recreação, fazendo a criança vivenciar a aprendizagem de forma lúdica e gratificante. Propõe situações que estimulam a exploração, o descobrimento e a iniciativa, dentro de uma grande variedade de atividades, com o intuito de enriquecer a base motora da criança, que possibilitará, em etapas posteriores, a capacidade de adquirir qualquer tipo de gesto, como por exemplo, os diferentes estilos de nado (MURCIA, 2008).

Essa visão da natação como instrumento para desenvolver integralmente o indivíduo é defendida por vários autores da atualidade, sendo que cada um traz sua contribuição, baseada em seus estudos, pesquisas e experiências práticas. Cada autor propõe a sua metodologia, dando preferência para aquilo que acha mais importante no processo.

3.1.3 Ambientação

Para muitas crianças que iniciam em programas de natação, o meio aquático é um ambiente inexplorado, desconhecido. As relações que essas crianças mantêm com a água restringem-se em lavar as mãos, os rostos e a tomar banho – atividades em que não há imersão total do corpo. São poucas crianças que começam em um programa de natação totalmente adaptadas ao meio líquido. Segundo Turchiari (1996), algumas crianças podem ter traumas inconscientes relacionados à água, que podem trazer problemas na fase inicial de adaptação. Neste caso, segundo Corrêa e Massaud (2004), a criança que possui uma relação desagradável com a água se adaptará mais lentamente. Na mesma linha, Murcia e Sanmartín (1998) comentam que entre os três e cinco anos é comum o sentimento de medo em relação a água e

que por isso o ensino deve ser iniciado em espaços reduzidos ou piscinas pequenas, com a intervenção através do jogo, que é um recurso válido e prático para resolver o problema de medo da água. Por ser um meio estranho e por estar relacionada com questões de sobrevivência, a água é um fator que pode dificultar a aprendizagem em etapas iniciais. Surge aqui o processo de familiarização e adaptação ao meio aquático, que é de fundamental importância para o posterior desenvolvimento do domínio e da autonomia no meio.

De acordo com Corrêa e Massaud (2004), a meta nessa fase é fazer com que a criança se integre com a piscina e suas particularidades e com a água e suas propriedades. Turchiari (1996) também ressalta a importância do reconhecimento por parte da criança tanto do ambiente ao redor da piscina quanto do meio aquático e afirma que o domínio do ambiente pela criança facilitará a aprendizagem futura. Do mesmo modo, Silva (1997) relata que a aprendizagem na água não pode ocorrer se não houver condições de segurança, conforto e prazer. Sendo assim, na fase de adaptação da criança ao meio aquático deve ser criado um ambiente afetivo, que proporcione segurança dentro da água. Turchiari (1996, p. 38) considera que “transmitir segurança à criança nessa fase é um ponto totalmente indispensável”. Concordando com esses autores, Corrêa e Massaud (2004) reiteram que o aluno somente estará apto para o aprendizado da natação se estiver totalmente adaptado ao meio e com bom relacionamento com o professor.

Pérez, Pérez e Torres (1997), comentando sobre o novo ambiente de atividade, ressaltam a extrema importância de respeitar o ritmo individual do aluno, já que nem todas as crianças têm a mesma evolução em seu desenvolvimento. Os autores dizem ainda que a familiarização vai muito além da adaptação e do conhecimento do meio por parte do aluno, mas engloba o forte vínculo aluno-professor. A partir deste vínculo positivo, a confiança do aluno no professor é estabelecida com qualidade. Quando a confiança é estabelecida, faz-se possível propor uma variedade de situações que vão permitir ao professor conhecer as respostas do aluno e, a partir daí, orientar de forma positiva seus novos descobrimentos – as primeiras habilidades na água.

Completando a idéia dos autores supracitados, Murcia e Sanmartín (1998) destacam que os objetivos perseguidos na fase de familiarização são os de desenvolver a segurança da criança e o domínio de si mesma, assegurar a correta aproximação da criança ao novo meio e favorecer a comunicação da criança com o

entorno, ou seja, em pouca palavras, adaptá-la ao contexto do ambiente. Os autores afirmam ainda que, nos alunos não familiarizados com o meio aquático ou não adaptados ao ambiente de ensino, o impacto emocional da atividade pode causar bloqueios físicos ou psíquicos, que podem interferir na aprendizagem, provocando incapacidade de executar tarefas. Por isso, as reações corporais do educador são importantes, uma vez que têm ressonância afetiva imediata sobre o comportamento espontâneo da criança.

3.1.4 Ensino tradicional e ensino lúdico

Parece que ainda predomina nas escolas, clubes e academias um ensino que poderia ser classificado como de natureza analítica-progressiva, com fragmentação dos movimentos de acordo com o estilo de nado a ser aprendido e sistematização de seqüências pedagógicas com graus progressivos de dificuldade (FERNANDES; COSTA, 2006). De acordo com Xavier Filho e Manoel (2002), o atual ensino da natação é calcado dentro de uma orientação claramente esportiva, restringindo-se ao ensino dos quatro estilos formais da natação. Para Moisés (2006), a metodologia tradicional da natação busca aperfeiçoar os movimentos técnicos dos nados, ensinando por partes, através de uma seqüência pedagógica que respeita a complexidade e a coordenação dos movimentos. Esta metodologia busca os seguintes objetivos, em seqüência: ambientação da criança ao meio; movimentação de pernas; movimentação de braços; coordenação da respiração com movimentação de pernas; coordenação da respiração com movimentação de braços; coordenação dos nados; e saltos, saídas e viradas.

Vários autores citam o método tradicional como predominante no processo de ensino-aprendizagem. Argumentam que, atualmente, muitos professores aplicam este método. Entretanto, não existem estudos que defendam a metodologia tradicional de ensino. Sua aplicabilidade parece estar relacionada com as experiências profissionais desses autores. Por outro lado, as pesquisas na área procuram enfatizar a importância da ludicidade no ensino da natação para alcançar os objetivos propostos e o desenvolvimento integral da criança. Cada autor oferece sua contribuição para esse modelo, que apesar de não ter uma nomenclatura

definida, como é o caso da metodologia tradicional, será denominado neste estudo como metodologia lúdica.

De acordo com Fernandes e Costa (2006), é possível pensar em uma pedagogia da natação que supere o modelo focado no cumprimento de tarefas que levam ao domínio dos quatro estilos de nado. Para tanto, o ensino da natação pode ser pautado por uma pedagogia que enfatize a diversidade na relação do sujeito com o meio aquático. Segundo os autores, é fundamental que o foco do ensino passe a ser o processo do aprender a nadar e não o seu produto. Nesse caso, os quatro estilos da natação competitiva são um dos conteúdos a serem desenvolvidos e não as metas do processo. Além disso, o meio aquático é visto como um ambiente com várias possibilidades de ação e movimento, abandonando a visão meramente utilitária e a abordagem puramente esportiva.

Para os mesmos autores, o ensino precisa ser organizado de tal forma a se considerar as características do indivíduo, do ambiente e da tarefa. Os autores defendem que o aprendizado da natação deve ter componentes educativos, por exemplo, respeito aos colegas, educação ambiental, normas de segurança, etc. e que quando os componentes educativos da aprendizagem da natação não são reconhecidos, aprender a nadar se limita ao domínio técnico dos quatro estilos de nado. Além disso, existem outros resultados no domínio psicomotor do comportamento que também podem ser enfatizados no ensino da natação quando este tem por meta o domínio do meio aquático e não dos estilos consagrados de nado.

Para Xavier Filho e Manoel (2002), a preocupação da abordagem esportiva é eliminar os erros de execução dos gestos técnicos dos nados formais. Nesse modelo, as fases de desenvolvimento da habilidade nadar não são consideradas no ensino, e são tratadas como erros de performance. Por outro lado, em um método de ensino mais completo, os erros são entendidos como padrões rudimentares que compõem o desenvolvimento da habilidade de nadar. De acordo com os autores, a natação aprendida pelo modelo, orientada somente pelos quatro estilos, resultaria num aprendizado pobre devido à baixa competência aquática que esse tipo de prática propicia. Os autores sugerem que a habilidade nadar faz parte de um contexto mais amplo de possibilidade de realização de atividades na água. Por isso, os programas de natação deveriam ser orientados para essa abrangência, que seria resumida no conceito de competência aquática.

No mesmo contexto, Fernandes e Costa (2006) afirmam que os erros não são vistos como incompetências dos alunos e nem precisam ser eliminados a qualquer custo pelo professor. Na verdade, os erros são fontes de informação sobre o desempenho do aluno, sendo que este deve identificá-los com a ajuda do professor. O bom professor não é aquele que corrige os erros, mas orienta para a percepção destes, legando aos alunos a ativa tarefa de avaliar seu desempenho. Assim, o aluno passa a ser agente do seu aprendizado.

Moisés (2006) propõe um modelo no qual o aluno é o foco do processo – o ensino lúdico, que contempla a relação do aluno com o meio aquático, bem como a adaptação das atividades aos seus diferentes interesses e necessidades. Aqui, os programas são direcionados ao aprendizado de diversas habilidades motoras. O ensino lúdico é aberto, com diálogo e co-organização das tarefas; oportuniza uma grande variabilidade de movimentos; inclui materiais, jogos, brincadeiras, músicas e histórias; estimula atividades cooperativas; e utiliza a criatividade, a descoberta e a espontaneidade das crianças, sempre considerando o nível de aprendizado, a faixa etária e a condição motivacional do aluno. A autora enfatiza a brincadeira como um instrumento válido que auxilia na formação da criança e defende o uso de atividades lúdicas nos programas de ensino da natação. A autora conclui que o aprendizado deve ter como objetivo o processo de ensino e não o produto e, por isso, uma metodologia mais lúdica, participativa e prazerosa, sem a preocupação com o tempo de aprendizagem é a ideal.

Silva (1997) afirma que a natação para crianças de quatro a seis anos tem como objetivo geral incentivar a prática do esporte, através da utilização de atividades adequadas que proporcionem o máximo de sensações possíveis do corpo na água. Para a autora, é importante utilizar uma grande gama de exercícios e criar situações nas quais as crianças possam vivenciar o maior número de experiências possíveis, sempre de forma progressiva, com grau crescente de dificuldade. Ainda segundo a autora, a natação como psicomotricidade aquática pode fortalecer a criatividade e a espontaneidade dos alunos, de acordo com suas necessidades individuais. A autora também comenta que, para facilitar o aprendizado, os profissionais da área devem utilizar estratégias lúdicas de aprendizagem, tais como jogos, brincadeiras e atividades de desafio, que são motivantes para as crianças.

Turchiari (1996) argumenta que fazer com que a criança goste da água e do local que frequenta é tão ou mais importante do que nadar corretamente. “O objetivo

é fazer gostar de natação e não ser um competidor” (TURCHIARI, 1996, p. 8). Segundo o autor, na faixa etária dos três aos seis anos, o trabalho deve respeitar cuidadosamente a potencialidade de aprendizado da criança, para formar a base para a natação consciente e segura. Nessa fase é importante realizar todas as possibilidades voltadas para a ambientação ao meio, além de adquirir habilidades complementares e básicas indispensáveis para o desenvolvimento global em natação. De acordo com o autor, o professor deve considerar a individualidade como princípio básico. Assim sendo, no processo de ensino-aprendizagem, os alunos recebem informações compatíveis com o seu amadurecimento cognitivo, físico e afetivo.

Na mesma linha, Corrêa e Massaud (2004) afirmam que a maioria das crianças de três anos ainda não está preparada para aprender os quatro nados e nem para competir e que a natação nesta faixa etária pode evitar muitos acidentes e contribuir para o desenvolvimento global das crianças. Segundo os autores, as crianças não necessitam apenas aprender a nadar, na verdade, elas necessitam de um espaço para se desenvolverem e explorarem o mundo. Os autores citam a motricidade na influência no desenvolvimento cognitivo. Por isso, o desenvolvimento de habilidades motoras é importante para o desenvolvimento global da criança, justificando a inclusão de diferentes vivências corporais nas aulas de natação. Essas aulas são importantes porque em muitos casos a natação é a única atividade que a criança pratica.

Segundo os autores, o ensino da natação para crianças de três a seis anos está baseado em uma infinidade de ofertas de experiências sensoriais, perceptivas e motoras, que propiciam o seu desenvolvimento no âmbito motor, afetivo e cognitivo.

De acordo com estes autores, o conhecimento das características do aluno leva o professor a se preocupar em selecionar atividades que favoreçam a estimulação do desenvolvimento global das crianças. Sendo assim, no ensino da natação, o professor deve oferecer atividades motoras adequadas, em busca de saúde, equilíbrio e gosto pela atividade, através de atividades lúdicas e prazerosas, dentro da capacidade psicomotora do aluno, fazendo com que ele adquira o hábito vital de nadar. A importância da natação, dentro de uma visão lúdica para crianças de três a seis anos, é ser um espaço de experimentação, para que a criança vivencie situações de qualidades variadas. Nesta fase, procura-se ensinar o maior número de experiências aquáticas possíveis, preparando as crianças para a futura

aprendizagem de qualquer modalidade esportiva, em sua época adequada de desenvolvimento. Para Queiroz (1998, citado por Corrêa e Massaud, 2004), as aulas de natação, no seu aspecto lúdico, estão mais voltadas para orientar e facilitar a capacidade de explorar, de descobrir a hora da vivência, dando condições à criança de desenvolver a possibilidade de conhecimento e uso do próprio corpo, com certa *autonomia e harmonia*.

Os autores também destacam a importância de aprender brincando. Segundo os autores, na fase de três a seis anos é importante que a criança veja a natação como uma brincadeira, já que é brincando que a criança se desenvolve e exercita suas potencialidades. O desafio contido nas situações lúdicas leva a criança a alcançar níveis de desempenho que só as ações por motivação intrínseca conseguem.

Mais do que o ensino dos estilos, o ensino da natação pode ser concebido como uma Educação Física na água. Segundo Langendorfer (1986, citado por Freudenheim, Gama e Carracedo, 2003), nadar implica em qualquer ação motora que o indivíduo realiza intencionalmente para propulsionar-se através da água. Este conceito amplia o objetivo do ensino tradicional da natação, já que não considera os estilos formais como meta a ser alcançada e estabelece objetivos mais abrangentes.

Segundo Freudenheim, Gama e Carracedo (2003), o processo de ensino deve ser centrado na criança e não no conteúdo, como é o caso da metodologia tradicional. Por isso, são estabelecidos objetivos e conteúdos que respeitam o nível de aprendizado e o ritmo de desenvolvimento de cada criança. Os autores lembram que para aprender a nadar, adquirir competências motoras não é o suficiente. De acordo com esses autores, o desenvolvimento da habilidade de nadar envolve demandas motoras, afetivas e cognitivas. No âmbito motor estão os movimentos fundamentais, a combinação dos movimentos fundamentais e os movimentos culturalmente determinados, conforme será visto posteriormente. No campo afetivo, a criança precisa desenvolver confiança, autonomia, motivação, segurança e socialização. Já no campo cognitivo estão, por exemplo, o conhecimento de regras de segurança e a percepção dos movimentos da habilidade nadar. Por fim, com o intuito de desenvolver globalmente a criança, cada aula de natação deve considerar aspectos desses três domínios do comportamento.

Por fim, Murcia e Sanmartín (1998) dizem que é preferível utilizar um número maior de atividades com pouca duração do que poucas atividades com muito tempo

de duração, para poder proporcionar diversas habilidades motoras e diferentes experiências aquáticas. Desse modo, as crianças ficam mais motivadas e respondem melhor aos estímulos. Os autores reportam ainda que o educador não deve esperar uma resposta motora única e válida para todos, e sim buscar melhorar a competência motora do aluno com relação ao ponto de partida.

3.2 DESENVOLVIMENTO MOTOR

3.2.1 Características do desenvolvimento motor

O presente estudo trata do desenvolvimento motor sob a perspectiva desenvolvimentista. Esta perspectiva parece ser a mais adequada para este estudo, uma vez que leva em consideração, principalmente, as atividades motoras de acordo com as necessidades, interesse e a capacidade individual de cada criança, dando oportunidade para o aluno progredir individualmente, através de uma hierarquia de aprendizagem, considerando a complexidade das atividades. Dentro desta perspectiva, é importante estudar o desenvolvimento motor para que seja possível estabelecer atividades apropriadas conforme o nível de desenvolvimento de cada indivíduo (LADEWIG, 2005).

O desenvolvimento motor compreende mudanças progressivas no comportamento motor durante a vida, como resultado da interação entre a tarefa, o organismo e o ambiente (GALLAHUE; OZMUN, 1995). Têm relação com a idade do indivíduo, mas não depende exclusivamente dela. Kay (1969, citado por Tani *et al.*, 1988) ressalta que a seqüência de desenvolvimento é a mesma para todas as crianças, apenas a velocidade de progressão varia.

De acordo com Gallahue e Ozmun (1995), o desenvolvimento motor ocorre em quatro fases, na seguinte seqüência: fase dos movimentos reflexos, fase dos movimentos rudimentares, fase dos movimentos fundamentais e fase dos movimentos especializados.

A primeira é a fase dos movimentos reflexivos, involuntários, que compreende desde o período uterino até um ano de idade.

A segunda fase é a dos movimentos rudimentares, os quais são determinados maturacionalmente. Os movimentos reflexivos são inibidos e dão espaço para os movimentos conscientes. Compreende desde o nascimento até os dois anos de idade.

A terceira é a fase dos movimentos fundamentais ou básicos. Os principais movimentos nesta fase são o andar, correr, saltar, arremessar, rebater, quicar e chutar. Esta fase é subdividida em estágio inicial, estágio elementar e estágio maduro. No estágio inicial, que inclui a faixa de dois a três anos, os movimentos são incompletos, com uso restrito ou exagerado do corpo e a coordenação, ritmo e integração espaço-temporal são pobres. No estágio elementar, que compreende o período de quatro a cinco anos, os padrões de movimentos continuam restritos ou exagerados, mas há um melhor controle do ritmo e da coordenação. Já no estágio maduro, que ocorre dos seis aos sete anos, as performances se encontram bem controladas e coordenadas, com grande eficiência mecânica.

Por último, a quarta fase em que o desenvolvimento motor ocorre, segundo estes autores, é a fase dos movimentos especializados, na qual, após a obtenção dos padrões fundamentais de movimento, o equilíbrio e as habilidades locomotoras e manipulativas são refinadas progressivamente.

De modo semelhante, Tani *et al.* (1988) apresentam a seguinte seqüência de desenvolvimento motor: movimentos reflexos (vida intra-uterina a quatro meses após o nascimento); movimentos rudimentares (um a dois anos); movimentos fundamentais (dois a sete anos); combinação de movimentos fundamentais (sete a doze anos); e movimentos determinados culturalmente (a partir de doze anos).

Gallagher e Sayre (2001) propuseram uma versão mais detalhada do processo de desenvolvimento motor. O modelo das autoras segue a seguinte ordem hierárquica: reflexos e reações; movimentos rudimentares; padrões básicos de movimento; barreira de proeficiência; habilidade de transição; e habilidades específicas do esporte. Na fase de movimentos rudimentares, as autoras ressaltam a importância de se trabalhar os conceitos de movimento. Estes conceitos incluem a orientação corporal, a orientação espacial, a qualidade dos movimentos e as relações que o corpo estabelece com outro corpo ou objeto. Com relação à barreira de proeficiência citada pelas autoras, esta consiste em uma etapa na qual a criança, após ter adquirido as habilidades básicas, terá dificuldade em combinar os padrões

básicos de movimento. Quando a criança combina estes padrões satisfatoriamente, ela ultrapassa a barreira de proeficiência.

Segundo Ladewig (2005), durante a infância, a quantidade e a variedade de experiências motoras é muito importante para que o indivíduo atinja o último estágio da fase dos movimentos especializados, tendo mais facilidade para aplicar estas experiências em situações de aprendizagem de habilidades específicas dos esportes.

3.2.2 Características do desenvolvimento motor aquático

Existe uma seqüência normal de desenvolvimento motor na água, que pode ser observada em crianças, desde que haja oportunidade para que elas possam interagir nesse meio. Portanto, o ensino da natação é um processo em que padrões típicos do desenvolvimento devem ser respeitados (FREUDENHEIM; GAMA; CARRACEDO, 2003).

Baseados no conceito de que o nadar é entendido como qualquer ação motora que o indivíduo realiza com o intuito de propulsionar-se na água, Freudenheim, Gama e Carracedo (2003) argumentam que o ensino da natação para crianças deve respeitar três fases.

A primeira fase é a dos movimentos fundamentais relacionados à habilidade nadar. Esta fase tem como objetivo a conquista da autonomia no meio aquático, relacionada ao controle respiratório e postural na água.

A segunda fase envolve o deslocamento mediante variadas combinações de movimentos. Nesta fase o objetivo é o aperfeiçoamento dos movimentos fundamentais e o desenvolvimento de combinações em nível de complexidade progressivamente maior.

Por fim, a terceira fase aborda os movimentos culturalmente determinados, e tem como objetivo o desenvolvimento de combinações mais complexas e específicas. Os autores enfatizam que esse modelo, diferentemente do método tradicional, considera uma fase intermediária entre a adaptação e os movimentos culturalmente determinados e que os objetivos na terceira fase vão além do ensino dos quatro nados formais da natação.

No início da aquisição das habilidades aquáticas, deve-se propiciar uma fase em que o aluno passe do trabalho no meio terrestre ao meio aquático com o menor problema possível. Como visto anteriormente, esta é a fase de familiarização, que objetiva desenvolver a segurança e o domínio da criança com relação ao meio. As habilidades motoras no meio terrestre se assemelham as habilidades motoras do meio aquático, como resultado das contínuas interações entre os fatores genéticos e as experiências com o ambiente. Portanto, existe uma clara evidência de que, durante a etapa infantil, o progresso nas habilidades aquáticas é similar ao desenvolvimento no meio terrestre. No meio aquático, o desenvolvimento motor da criança passa de movimentos desorganizados para movimentos suficientemente controlados, que permitem o desenvolvimento de técnicas natatórias por volta dos cinco ou seis anos (MURCIA; SANMARTÍN, 1998).

De acordo com Murcia e Sanmartín (1998), as habilidades motoras aquáticas são executadas no meio aquático sem nenhum apoio sobre superfícies firmes. Assim sendo, os três grupos de habilidades motoras aquáticas envolvem os equilíbrios, os deslocamentos e os giros. Os equilíbrios englobam a flutuação e a respiração, enquanto os deslocamentos incluem a propulsão e o salto. Um outro grupo de habilidades motoras, quando o sujeito se relaciona com os objetos, envolve as manipulações, que incluem os lançamentos e as recepções. Vários autores destacam a importância de três habilidades sobre as demais: flutuação, respiração e propulsão (CATTEAU; GAROFF, 1978; NAVARRO, 1978; CORLETT, 1980; VAQUERO, 1985, citados por MURCIA; SANMARTÍN, 1998). Todas essas habilidades desenvolvidas no ambiente aquático, juntamente com as habilidades terrestres, proporcionam um excelente instrumento de trabalho para desenvolver a motricidade aquática no aluno.

Baseados nesse esquema, Murcia e Sanmartín (1998) sugerem que um trabalho combinado entre as habilidades motoras aquáticas e terrestres pode fornecer uma excelente bagagem motora, em prol da formação integral do indivíduo. Segundo os autores, assim como no meio terrestre, no meio aquático faz-se necessário aprender uma inúmera quantidade de habilidades que são necessárias para o posterior trabalho das habilidades esportivas aquáticas.

Xavier Filho e Manoel (2002) sugerem que as alterações ocorridas na posição dos braços, das pernas e do corpo na água são suficientes para definir estágios ou padrões de desenvolvimento aquático. Para os autores, o desenvolvimento do

comportamento aquático envolve sete níveis. São eles: reflexo de nadar; controle postural voluntário; cachorrinho; nado humano elementar; crawl rudimentar; nados especializados e, por último, competência aquática. O primeiro e o segundo nível correspondem à transição entre o reflexo de nadar e o controle postural voluntário. O terceiro, o quarto, o quinto e o sexto nível correspondem às mudanças graduais no padrão de locomoção aquática. O nível sete corresponde a um período de utilização da habilidade nadar para vários fins, de forma ampla e diversificada. No entanto, os autores não definem detalhadamente cada nível, deixando esse modelo um tanto vago.

Para Freudenheim *et al.* (1999, citados por Xavier Filho e Manoel, 2002) a habilidade nadar é adquirida a partir de um processo de domínio da estabilidade corporal. Além disso, a aquisição de movimentos especializados, ou culturalmente determinados, resulta da aquisição de movimentos fundamentais e suas combinações.

Uma observação pertinente feita por vários autores diz respeito ao uso de materiais (MURCIA; SANMARTÍN, 1998; XAVIER FILHO; MANOEL, 2002; FERNANDES; COSTA, 2006). A utilização de materiais de apoio em etapas iniciais de aprendizagem, como bóias, pranchas, flutuadores e tudo o mais que auxilie na flutuação ou mecânica do nado, não se baseia em nenhum estudo sobre o assunto. Portanto, pode-se especular que esses materiais prejudicam ou atrasam o desenvolvimento motor do aluno, por mascarar suas percepções de controle postural, que é de suma importância como fator desencadeador para o desenvolvimento de outras habilidades necessárias a locomoção aquática. Segundo Xavier Filho e Manoel (2002), o nível da habilidade nadar depende do grau de domínio da estabilidade postural. Uma criança que não tem domínio do seu corpo na água vai encontrar maiores dificuldades de desenvolvimento no meio.

3.2.3 Desenvolvimento motor aquático das crianças de três a cinco anos

A total independência da criança na água é atingida entre os três e cinco anos. Aos três anos existe a predominância das pernas no nado, com movimentos de pedalada, e os movimentos de braços são feitos por cima da água, com pouco

efeito propulsivo. A posição do corpo é de aproximadamente 45° em relação à superfície e a cabeça fica acima do nível da água. Aos quatro anos as características são similares às dos três anos. No entanto, as crianças já conseguem ter independência propulsiva com braços e pernas, aumentando a distância de nado. Aos cinco anos ocorre uma grande melhora na posição do corpo e surge o padrão de *crawl* e a coordenação de braços com respiração. Ao final deste período, a eficiência das extremidades inferiores e superiores proporcionam bons efeitos propulsivos (ERBAUGH, 1980 citado por MURCIA; SANMARTÍN, 1998). As mudanças que ocorrem no rendimento em natação durante esta fase são as seguintes: incremento na distância de nado; melhora na habilidade de propulsionar o corpo com os braços; melhora no padrão de batida ondulatória de pernas; melhora na habilidade de manter o corpo em posição horizontal; e melhora na posição da cabeça sobre a água (MURCIA; SANMARTÍN, 1998).

Os mesmos autores detalham ainda mais esse processo. Segundo eles, na fase dos três a cinco anos, as crianças são capazes de: melhorar a sua posição na água, diminuindo o ângulo com a superfície; realizar amplos movimentos de pernas, que são os principais responsáveis pela propulsão; mover os braços, realizando apoios alternativos; saltar na água e subir à superfície pela ação das pernas; saltar na água, emergir e se deslocar em posição ventral; se deslocar em imersão, emergir, inspirar e voltar a mergulhar; realizar movimentos simultâneos e alternados de braços; se deslocar em posição ventral, com o rosto na água, movimentando braços e pernas; e aprender na água todos os movimentos que são capazes de realizar fora. No entanto, não conseguem um bom ritmo respiratório e não são capazes de executar coordenações complexas e técnicas muito restritas (MURCIA; SANMARTÍN, 1998).

De acordo com Pérez, Pérez e Torres (1997), durante o quarto ano as crianças são capazes de dominar satisfatoriamente a respiração, os equilíbrios, os giros, os deslocamentos e os mergulhos. Além disso, ocorre um aperfeiçoamento dos giros sobre o eixo transversal, com realização de voltas em ambos os sentidos. Nos deslocamentos, melhoram os movimentos aéreos dos membros superiores, graças a um melhor controle postural. Apesar de ainda possuírem certa dificuldade, também melhoram no deslocamento em posição dorsal.

Já durante o quinto ano a criança é mais independente e atinge efetivamente a autonomia no meio. Ocorre o domínio e a melhora de todas as habilidades e

destrezas adquiridas anteriormente. A criança adota posições hidrodinâmicas e melhora e aumenta sua propulsão, tanto em decúbito ventral quanto em decúbito dorsal. Nesta idade, também, a criança realiza deslizes e nados globais em ambas as posições.

Com esse conhecimento, o professor de natação infantil pode propor jogos e atividades lúdicas que possibilitam a aquisição de todas essas habilidades vistas anteriormente, porém, sempre respeitando o nível de desenvolvimento individual de cada criança. Baseado neste argumento, a seguir, uma proposta metodológica para o ensino da natação para crianças de três a cinco anos é apresentada, fundamentada nos conhecimentos e idéias dos autores discutidos anteriormente.

3.3 METODOLOGIA DA NATAÇÃO PARA CRIANÇAS DE TRÊS A CINCO ANOS

Na idade dos três aos cinco anos o importante é fazer com que a criança goste da água e do local que frequenta. Por isso, a metodologia da natação para esta faixa etária deve superar o modelo tradicional de ensino, abandonando a visão focada no âmbito utilitário ou esportivo. Atualmente, para essas crianças, a metodologia lúdica é o melhor modelo a ser utilizado, uma vez que já se conhece a importância da ludicidade no desenvolvimento integral das crianças.

Nessa metodologia, o processo de aprendizado é mais importante do que o produto (resultado do processo), por isso, não há uma preocupação com o tempo de aprendizagem. Além disso, ao contrário da metodologia tradicional, os quatro nados oficiais da natação são um dos conteúdos a serem desenvolvidos, e não o objetivo final do processo. Está claro que o aprendizado dirigido exclusivamente para o ensino dos quatro nados resulta em uma baixa competência aquática.

Confrontando a idéia de vários autores (TURCHIARI, 1996; SILVA, 1997; MURCIA; SANMARTÍN, 1998; XAVIER FILHO; MANOEL, 2002; FREUDENHEIM; GAMA; CARRACEDO, 2003; CORRÊA; MASSAUD, 2004; FERNANDES; COSTA, 2006; MOISÉS, 2006), na metodologia lúdica, para a faixa etária proposta, o objetivo é fazer com que a criança adquira a autonomia e o domínio do meio aquático. Assim, o espaço de ensino é um local para que a criança explore e se desenvolva. Para isso, uma grande variedade de movimentos é utilizada, com o intuito de

possibilitar o aprendizado de diversas habilidades motoras e enriquecer o repertório motor do indivíduo. Nesse contexto, é mais interessante trabalhar um maior número de atividades com pouca duração do que poucas atividades de maior duração. Desse modo, a aprendizagem de qualquer modalidade esportiva, em sua época adequada de desenvolvimento, vai se tornar mais fácil. Além disso, no ensino lúdico para crianças de três a cinco anos, a diversidade na relação do sujeito com o meio é enfatizada, ou seja, são propostas experiências que possibilitam o máximo de sensações possíveis do corpo na água.

Ainda de acordo com o exposto por tais autores, nessa faixa etária, o processo de ensino é centrado na criança. Por isso, as atividades devem ser adequadas aos seus interesses e necessidades. Assim, são propostos objetivos e conteúdos que respeitam o nível de aprendizado e o ritmo de desenvolvimento de cada criança. Nesse aspecto, é importante buscar melhorar a competência do aluno com relação ao seu ponto de partida. Além disso, baseado no método lúdico, a criatividade e a espontaneidade dos alunos são bastante exploradas e os alunos são agentes do próprio aprendizado, participando da organização das atividades. O ensino lúdico para essa faixa de idade lança mão de jogos cooperativos, materiais, brincadeiras, músicas e histórias, que tornam as atividades mais prazerosas e motivantes, facilitando o aprendizado.

A metodologia da natação para crianças na faixa etária de três a cinco anos pode utilizar diferentes âmbitos de aplicação, visando desenvolvê-las como um todo, nos aspectos motores, afetivos e cognitivos. Os programas de ensino devem incluir noções de segurança, procurando desenvolver a confiança da criança em relação à água e, também, idéias básicas de salvamento. Além disso, pelo caráter educativo que devem possuir, os programas auxiliam no desenvolvimento pessoal do indivíduo. Também proporcionam a melhora ou manutenção da aptidão física dos participantes e podem incluir benefícios terapêuticos, devido às propriedades físicas da água, estimulando hábitos saudáveis de vida e de interesse pela atividade física durante o decorrer de suas vidas. A recreação deve ser bastante enfatizada, buscando o prazer, a alegria e a felicidade dos alunos.

Em etapas iniciais, o ambiente aquático, que é um meio desconhecido, pode dificultar a aprendizagem desse grupo etário, devido a traumas ou medos. Para o posterior desenvolvimento do domínio e da autonomia da criança em relação ao meio, a fase de adaptação da criança ao ambiente é fundamental. A adaptação não

envolve apenas a familiarização do aluno com a água. O objetivo é integrá-lo ao ambiente de ensino e suas particularidades e à água e suas propriedades. O domínio do ambiente por parte da criança facilitará a aprendizagem futura. Para que o aluno atinja o domínio do ambiente, é essencial haver afetividade, prazer e segurança, principalmente na relação que o aluno estabelece com o professor. Conforme já foi dito, nessa fase é importante que a criança adquira segurança e autonomia em relação ao meio aquático (TURCHIARI, 1996; SILVA, 1997; PÉREZ; PÉREZ; TORRES, 1997; MURCIA; SANMARTÍN, 1998; CORRÊA; MASSAUD, 2004).

O processo de ensino da natação para as crianças desta faixa etária deve considerar as necessidades, os interesses e as capacidades de cada criança, para buscar o progresso individual, através de uma hierarquia de aprendizagem. Nesse aspecto, é importante lembrar que, apesar de a seqüência de desenvolvimento motor ser a mesma, a velocidade de progressão varia de um indivíduo para outro.

As crianças de três a cinco anos encontram-se na fase dos movimentos fundamentais, também denominados básicos. No ambiente terrestre, os principais movimentos desta fase incluem andar, correr, saltar, arremessar, rebater, quicar e chutar. A boa aquisição destes movimentos permitirá, posteriormente, um bom aproveitamento na fase dos movimentos especializados. Nas aulas de natação infantil, essas habilidades podem ser realizadas no meio aquático através de jogos e atividades lúdicas.

Nessa faixa de idade, as crianças também são capazes de controlar com eficiência o ritmo e a coordenação dos movimentos. Nesse contexto, é importante trabalhar a orientação corporal (o que o corpo pode e/ ou é capaz de fazer), a orientação espacial (aonde o corpo pode se movimentar), a qualidades dos movimentos (como o corpo se movimenta) e as relações (com quem e/ ou com o que o corpo se relaciona). Surge aqui a importância de uma grande variedade de atividades psicomotoras que podem ser incluídas no processo de ensino-aprendizagem da natação. Atividades de deslocamentos em direções variadas, atividades com a utilização de diferentes segmentos corporais, atividades criativas de propulsão, jogos com a utilização de objetos ou parceiros, são exemplos que fornecem uma base sólida para a aplicação de inúmeras tarefas aquáticas.

O processo de desenvolvimento motor aquático deve ser respeitado no ensino. As crianças de três a cinco anos podem iniciar um programa de natação se

enquadrando em uma das três fases do desenvolvimento motor aquático. No entanto, as crianças de três e quatro anos geralmente se encontram nas duas primeiras fases. Na água, a primeira etapa de desenvolvimento motor é a fase dos movimentos fundamentais. Nessa fase, a criança deve adquirir autonomia no ambiente aquático, mediante o controle da postura e da respiração. Com o domínio da estabilidade corporal, a criança passa para uma segunda fase, que envolve deslocamentos com várias combinações de movimentos, que permitem o desenvolvimento da habilidade nadar. Por volta dos cinco anos, na seqüência do processo de desenvolvimento motor aquático, a criança entra na fase dos movimentos culturalmente determinados, que vão além dos quatro nados formais da natação. É importante lembrar que os erros, que fazem parte do processo de desenvolvimento, são padrões rudimentares que não devem ser eliminados, uma vez que são fontes de informação sobre o desempenho do aluno.

A independência da criança na água é atingida durante essa faixa de idade. As crianças melhoram paulatinamente o controle postural, a qualidade das ações de propulsão e, conseqüentemente, os deslocamentos. Ocorre um progressivo domínio e melhora das habilidades já adquiridas. Nas aulas de natação para essas crianças é possível propor atividades de equilíbrio, flutuação, respiração, deslocamento, propulsão, salto, giro, manipulação, lançamento, recepção, mergulho, entre outras. Além disso, pode-se proporcionar também atividades com movimentos semelhantes aos movimentos que as crianças são capazes de realizar fora da água. Porém, sempre respeitando a fase de desenvolvimento terrestre e aquático, e o nível de aprendizagem de cada criança. Assim, o professor decide o grau de complexidade da tarefa a ser executada.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ficou evidente que o ensino da natação pode englobar vários âmbitos de aplicação. A visão exclusivamente destinada ao salvamento e ao domínio técnico dos nados formais da modalidade já está superada, no entanto, essa evolução da metodologia da natação precisa efetivamente ocorrer na prática. Nesse método evoluído de ensino, surge a importância do ensino completo. Ficou claro neste estudo a importância da metodologia lúdica sobre a metodologia tradicional, especialmente na faixa etária que compreende as crianças de três a cinco anos. Considerar os aspectos do desenvolvimento dessas crianças – principalmente do desenvolvimento motor aquático – na metodologia lúdica de ensino é o desafio a ser enfrentado pelos profissionais da área. Assim, propor atividades que respeitem as características e as necessidades das crianças torna-se um ponto chave. Os pontos teóricos aqui abordados podem colaborar efetivamente para uma reflexão acerca da elaboração de programas e aulas de ensino da natação para crianças de três a cinco anos.

Esse conhecimento proposto tem o intuito de ser a base para a construção de métodos de ensino da natação. A partir dessa base teórica, cada professor, com suas peculiaridades, irá desenvolver a sua maneira específica e o modo mais eficiente de ensinar, segundo suas próprias experiências.

O assunto reportado nesta pesquisa é bastante abrangente e, por isso, faz-se necessário relacionar o tema com outras esferas do conhecimento, como por exemplo, a área da aprendizagem motora e o conhecimento das características dos outros âmbitos do comportamento das crianças (afetivo, social, cognitivo), que, com certeza, irão colaborar ainda mais para o desenvolvimento dos programas de ensino da natação. Além disso, visto sua constante transformação durante o decorrer dos anos, o assunto tem que continuar sendo discutido, para que possa evoluir e atingir níveis de ensino cada vez mais qualificados.

REFERÊNCIAS

CANADIAN PAEDIATRIC SOCIETY. Swimming lessons for infants and toddlers. **Paediatric Child Health**, Ottawa, v. 8, n. 2, p.113-114, fev. 2003.

CORRÊA, C. R.; MASSAUD, M. **Natação na pré-escola**. Rio de Janeiro: Sprint, 2004.

FERNANDES, J. R. P.; COSTA, P. H. L. da. Pedagogia da natação: um mergulho para além dos quatro estilos. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 5-14, jan./mar. 2006.

FREUDENHEIM, A. M.; GAMA, R. I. R. de B.; CARRACEDO, V. A. Fundamentos para a elaboração de programas de ensino do nadar para crianças. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 61-69, 2003.

GALLAGHER, J. D.; SAYRE, N. E. **The young child and the environment: issues related do health, nutrition, safety and physical activity**. Boston: Allyn & Bacon, 2001.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. São Paulo: Phorte, 2001.

LADEWIG, I. **Apostila da disciplina de desenvolvimento motor**. reimp. [Curitiba], 2005. Apostila digitada.

MACHADO, D. C. **Metodologia da natação**. São Paulo: EPU, 1978.

MOISÉS, M. P.; Ensino da natação: expectativas dos pais de alunos. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 65-74, 2006.

MURCIA, J. A. M.; SANMARTÍN, M. G. **Actividades acuáticas educativas**. Barcelona: INDE, 1998.

MURCIA, J. A. M. **¿Hacia donde vamos em la metodología de las actividades acuáticas?** Disponível em: <www.facdef.unt.edu.ar/catedras/natacion/nata2/ArticuloMorenoMurcia.pdf> Acesso em: 22/10/2008.

PÉREZ, E. C.; PÉREZ, F. L. P.; TORRES, L. M. **Educación infantil en el medio acuático**. Madrid: Gymnos, 1997.

SILVA, W. A. da. **Psicomotricidade aquática para crianças de 4 a 6 anos**. 36 f. Monografia (Graduação em Educação Física) – Centro de Teologia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 1997.

TANI, G.; MANOEL, E. J.; KOKUBUN, E.; PROENÇA, J. E. **Educação Física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista**. São Paulo: EPU, 1988.

TURCHIARI, A. C. **Pré-escola de Natação**. São Paulo: Ícone, 1996.

XAVIER FILHO, E.; MANOEL, E. de J. Desenvolvimento do comportamento motor aquático: implicações para a pedagogia da natação. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 10, n. 2, p. 85-94, abr. 2002.

DOCUMENTOS CONSULTADOS

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Sistema de Bibliotecas. **Normas para apresentação de documentos científicos**. 2. ed. 9 v. Curitiba: UFPR, 2007.